

Peixoto, Carolina Barros Tavares (2006) *Geração da utopia: um projeto de formação da identidade nacional angolana e suas metamorfoses*. Colección Monografías, Nº 38. Caracas: Programa Cultura, Comunicación y Transformaciones Sociales, CIPOST, FaCES, Universidad Central de Venezuela. 56 págs. Disponible en: <http://www.globalcult.org.ve/monografias.htm>

## COLECCIÓN MONOGRAFÍAS

Nº 38

*Geração da utopia: um projeto de formação da identidade nacional angolana e suas metamorfoses.*

Carolina Barros Tavares Peixoto

PROGRAMA CULTURA, COMUNICACIÓN Y  
TRANSFORMACIONES SOCIALES

[www.globalcult.org.ve](http://www.globalcult.org.ve)

CENTRO DE INVESTIGACIONES POSTDOCTORALES  
FACULTAD DE CIENCIAS ECONÓMICAS Y SOCIALES  
UNIVERSIDAD CENTRAL DE VENEZUELA

[www.globalcult.org.ve/monografias.htm](http://www.globalcult.org.ve/monografias.htm)

© Carolina Barros Tavares Peixoto, 2006.

Responsable de la edición: Daniel Mato (dmato@reacciun.ve)  
Diseño de la carátula: Alejandro Maldonado (amaldonadof@gmail.com)  
Corrección: Enrique Rey Torres y Alejandro Maldonado  
Impresión: Programa Globalización, Cultura y Transformaciones Sociales  
Reproducción: Copy Trébol, C.A.

ISBN de la colección: 980-12-1101-6  
ISBN de esta monografía: 980-12-2107-0  
Hecho el depósito legal: lf25220063003001

Primera edición (Caracas, junio de 2006)  
Impreso en Venezuela – Printed in Venezuela

Se autoriza la reproducción total y parcial de esta monografía siempre y cuando se haga con fines no comerciales y se cite la fuente según las convenciones establecidas al respecto, previa notificación a la institución editora. Del mismo modo y en las mismas condiciones se autoriza también la descarga del respectivo archivo en nuestra página en Internet: <http://www.globalcult.org.ve/monografias.htm> . Con el propósito de facilitar la cita, en la primera página se han incluido los datos completos de la monografía. En caso de incluirse este texto en libros impresos (se entiende que con fines no comerciales) agradecemos se nos hagan llegar al menos dos (02) ejemplares de la publicación respectiva a: Daniel Mato (coordinador), Apartado Postal 88.551, Caracas – 1080, Venezuela. En caso de incluirse algunos archivos de nuestra página en Internet en otros espacios semejantes, agradecemos se nos informe al respecto a través de nuestra dirección electrónica: [globcult@reacciun.ve](mailto:globcult@reacciun.ve). La responsabilidad por las opiniones expresadas en este trabajo incumbe exclusivamente al autor o autora firmante y su publicación no necesariamente refleja el punto de vista de la institución editora.

***Geração da utopia: um projeto de formação da identidade***

## **nacional angolana e suas metamorfoses**

**Carolina Barros Tavares Peixoto**

**Resumo:**

No presente trabalho, a leitura do romance *A geração da utopia*, de Pepetela, é o ponto de partida para analisarmos a História contemporânea angolana enfatizando o papel dos intelectuais no processo de construção de uma identidade nacional. Acompanhando a trajetória dos personagens principais, apresentamos a idealização do projeto de nação para Angola e tentamos problematizar as diversas transformações que este sofreu ao longo do tempo. Desde o planejamento, anterior à luta armada pela independência (1961), até o início do processo de democratização do país (1991).

**Palavras-chave:** Angola; identidade nacional; intelectuais

---

Peixoto, Carolina Barros Tavares (2006) *Geração da utopia: um projeto de formação da identidade nacional angolana e suas metamorfoses*. Colección Monografías, N° 38. Caracas: Programa Cultura, Comunicación y Transformaciones Sociales, CIPOST, FaCES, Universidad Central de Venezuela. 56 págs. Disponible en: <http://www.globalcult.org.ve/monografias.htm>

## Geração da utopia: um projeto de formação da identidade nacional angolana e suas metamorfoses

### Prólogo

#### Geração da Luz

Eu já ultrapassei a barreira do som  
Fiz o que pude às vezes fora do tom  
Mas a semente que eu ajudei a plantar já  
nasceu!!  
Eu vou, eu vou m'embora apostando em vocês  
Meu testamento deixou minha lucidez  
Vocês vão ter um mundo bem melhor que o  
meu!!  
Quando algum profeta vier lhe contar  
Que o nosso sol tá prestes a se apagar  
Mesmo que pareça que não há mais lugar  
Vocês ainda têm, vocês ainda têm  
A velocidade da luz pra alcançar  
Vocês ainda têm, vocês ainda têm  
A velocidade da luz pra alcançar

Além, depois dos velhos preconceitos morais  
Dos calabouços, bruxas e temporais  
Onde o passado transcendeu há um reinado de  
paz!!  
Vocês serão o oposto dessa estupidez  
Aventurando tentar outra vez  
A geração da luz é a esperança no ar!!  
Quando algum profeta vier lhe contar  
Que o nosso sol tá prestes a se apagar  
Mesmo que pareça que não há mais lugar  
Vocês ainda têm, vocês ainda têm  
A velocidade da luz pra alcançar  
Vocês ainda têm, vocês ainda têm  
A velocidade da luz pra alcançar

Raul Seixas

## Abertura

*Que lembrança darei ao país que me deu  
tudo que lembro e sei, tudo quanto senti?*

(Andrade, 2002: 220)

Um romance marcado pela História. Na perspectiva de Pepetela, “sempre se escreve sobre o que se vive, mesmo que transportemos nossa experiência pessoal para outros personagens e outras épocas” (Pepetela. “Trago em mim o inconciliável” [Entrevista a Cláudia Nina] *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro: 24 /05/1997). *A geração da utopia* é um texto que tem relação direta com a experiência de vida do autor (1). Romance que em muitos momentos se aproxima de um “diário de campo”, relato de observação participante, procedimento metodológico tão caro à Antropologia. A ficcionalização desses registros de memória funciona como estratégia para explicitar através dos vários discursos dos personagens-narradores, tornados atores sociais e sujeitos da história, as percepções do próprio autor sobre o processo de gestação, decantação e esfacelamento da utopia de uma geração que se propôs a mudar o mundo e foi também modificada por ele.

Romance que é também, talvez antes de tudo, documento social. Fruto de um trabalho de organização da memória, representação seletiva do passado, aos olhos do presente, pois recordamos a partir do que percebemos, sentimos e sabemos no hoje. Trabalho de escritor, mas também de militante, de revolucionário, de cientista social, de professor. Formação múltipla que leva Pepetela a problematizar a realidade que nos apresenta em forma ficcionalizada. Texto que evoca sensações, percepções, emoções vividas e cristalizadas nos “lugares de memória” (Nora, 1993) ali também recuperados. Romance histórico, narrativa que possibilita ao leitor “viver” um pouco o passado.

É a leitura dessa emocionante narrativa que orienta nosso olhar sobre a História contemporânea de Angola (1961-1991). Trinta anos, que o autor faz questão de demarcar. A passagem do tempo aparece não só no corpo do texto, mas também assinalando a abertura de cada um dos quatro grandes atos que compõem a trama.

Transcorre o tempo, alteram-se os cenários e nesse processo os personagens também vivem muitas metamorfoses. Amalgamando todo o enredo temos a problemática da construção e implementação do *projeto (2)* de identidade nacional angolana. Ao final desses trinta anos onde se encontram Angola e os angolanos? Que foi feito daqueles jovens que iam mudar o mundo? Para tentarmos desvendar essas e outras interrogações sigamos a trajetória retrçada por Pepetela em *A geração da utopia*.

### **Primeiro ato: formação da utopia**

*Não há lugar achado  
sem lugar perdido.*

(Carvalho, 1988: 09)

Momento de apresentações. Não há prefácio, introdução, abertura, salvo um breve parêntese onde o escritor externa um “saudável rancor de trinta anos”. Ação inspirada para justificar a primeira frase do romance – que não conto pois os que leram o livro jamais poderão esquecer-la e os que ainda não o fizeram merecem a surpresa.

A questão impressa nas linhas e entrelinhas do parágrafo inicial que traz a voz assumida do próprio autor é a mesma que perpassa a trajetória de todos os personagens. A grande engrenagem a mover o Primeiro Ato é a construção da identidade. Esta se forja na interação com o outro, no contato com a diferença. Tal contato permite a percepção de particularidades, isto é, dessemelhanças em relação ao referencial externo. Jogo de contrários: definimos o que somos apoiados naquilo que não nos caracteriza.

Trata-se de um escritor angolano. Um intelectual que, assim como os personagens principais – Sara, Aníbal, Malongo, Vítor e Elias – sai da terra natal em fins dos anos 1950 para completar os estudos em Portugal, até então metrópole do sistema colonial ao qual Angola encontrava-se submetida. Assim sendo, Lisboa se apresenta como palco do estranhamento. É vivendo na capital da metrópole que esses estudantes percebem suas diferenças culturais em relação aos portugueses. Esse será também o espaço propício para que se afinem as proximidades que lhes permitirão se identificar como

angolanos e, conseqüentemente. imaginar uma comunidade angolana. A distância da terra natal serve de alimento a essa idealização. Uma vez que, “a distância emprestava às coisas o tom patinado da perfeição.” (Pepetela, 2000: 11).

A romântica Sara é a primeira dos protagonistas da história a assinalar a diferenciação cultural entre africanos e portugueses. Uma oposição simples: “O português precisa sempre de qualquer coisa para estar melancólico. (...) Povo triste, pensou Sara. É do regime político ou é a essência da gente? (...) Que diferença com a esfuziante alegria dos africanos” (Pepetela, 2000: 9-10). Mas, por outro lado, muito complexa. Afinal, há algo que caracterize a essência de um povo? Um primeiro alerta de que a construção de uma identidade nacional pode enveredar por caminhos reacionários. Teorias essencialistas com seus caducos discursos não nos contemplam. Como veremos, nem ao autor e tampouco a personagem. Voltemos a ela.

Não por acaso é quem se sobressai no Primeiro Ato. Vinda de uma família de comerciantes há muitos anos fixada em Benguela, Sara é branca, como o escritor que lhe dá voz. Em Lisboa a responsável estudante de Medicina às vésperas da formatura, mesmo defendendo idéias, que a PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) – Polícia política da ditadura salazarista – e os pais consideravam comunistas, poderia passar por uma boa portuguesa. Para os demais personagens e atores sociais da trama a distância que os separa dos europeus é evidente e agravada pelas distintas particularidades étnicas. A cor da pele se transforma em marca indiscutível das diferenças que separam os filhos do império português. Com as primeiras ações armadas contra a dominação colonial o racismo destaca-se como um reforçador dessa distância. Para Sara a descoberta da diferença cultural em relação aos portugueses será um caminho longo e inquietante.

Politicamente engajada, ela identifica-se desde o começo da história como angolana e nutre um sentimento de dever (dívida?) em relação à terra natal – característica muito comum às vanguardas de esquerda da época. Apóia a luta do povo, de todas as massas exploradas pelo capitalismo. Mesmo sem ter uma posição definida, admira os comunistas e acredita numa sociedade justa de homens e mulheres iguais.

O racismo alimenta a grande contradição que assombra Sara. Haverá lugar para todos os angolanos na nova nação? Entre os próprios estudantes angolanos ela sofre um gradual processo de exclusão apesar da postura nacionalista que sempre assumiu e de potencialmente poder exercer um papel importante para o movimento de libertação que se organiza já pretendendo ingressar na luta armada, afinal, era médica. Exclusão dolorosa porque se dá entre um grupo antes unido pelos laços da amizade, pelas memórias da infância na terra natal que de singulares tornavam-se sempre plurais na convivência do exílio. Destes muitos ditos amigos, três dos demais protagonistas, companheiros desde o início da trama lhe permanecerão fiéis.

Aníbal, vindo de Luanda, aluno brilhante de origem popular, já formado em Histórico-Filosóficas. Cumpre o serviço militar obrigatório, mas, ao mesmo tempo, está clandestinamente ligado ao Partido Comunista Português e ao movimento pela independência que se organiza entre boa parte da intelectualidade angolana exilada na Europa. Circunspecto, solene, sempre prudente e totalmente dedicado à causa maior da liberdade do povo angolano. Para isso é capaz de abrir mão da vida pessoal e do amor, pois considera não haver lugar para sentimentalismos desse tipo na opção que escolheu. Segue as lideranças das vanguardas revolucionárias as instruções e “ordens superiores”. É o primeiro a sair clandestinamente de Portugal para ingressar nas fileiras do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola. Caracterizado como o típico intelectual engajado. Uma aparência externa, física, de extrema fragilidade ocultando uma enorme força interior, uma “força moral dada pela fé inquebrantável numa causa considerada justa” (Pepetela, 2000: 84).

Malongo, namorado de Sara, vindo de Malanje, é o extremo oposto de Aníbal. Jogador de futebol de uma grande equipe portuguesa. Abandonou os estudos para se dedicar ao esporte e a viver a vida em plenitude. Não perde uma festa, uma boa piada, uma cerveja gelada com os amigos e gargalhadas. É o melhor dançarino nos bailes da Casa dos Estudantes. Tem aventuras amorosas, para além da relação estável com Sara, e nenhum sentimento de culpa por isso. Quando criticado “dizia que a Sara era esposa e as outras amantes. E que não viessem com coisas, não havia angolano sem amantes, fazia parte da identidade nacional.” (Pepetela, 2000: 106) Apesar de estar sempre entre os reservas

do time, sonha em ascender como jogador. Não faz a mínima questão de se envolver com a política porque não é nem estudante nem trabalhador. Enfrenta corajosamente o racismo por causa da relação com Sara. Primeiro por parte dos lisboetas que não são nada receptivos ao casal formado por um negro e uma branca. Depois, com o desenrolar dos acontecimentos em Angola, que acabam marcando como uma disputa racializada o conflito armado pelo fim do colonialismo, sofrem o racismo dos próprios companheiros que passam a rejeitar os nacionalistas brancos e, conseqüentemente, se afastam também de Malongo.

Vítor, vindo de uma família de pequenos proprietários de terra no Huambo, é o mais jovem dos protagonistas. Estudante de veterinária, se envolve rapidamente com a política, o que o faz deixar o curso um pouco de lado. Apesar de ser, neste primeiro momento, ainda bastante imaturo politicamente, acredita que um dia poderão viver todos juntos – negros e mulatos, os brancos ficam de fora do discurso – numa Angola sem injustiças ou desigualdades. Alinha-se com a teoria do MPLA de que todos os angolanos devem lutar juntos contra o colonialismo, sem massacre de civis, e incorporando os mulatos.

O quinto protagonista representa um outro *projeto* para a futura nação angolana. Elias, filho de camponeses do Bié, protestante, só pôde ir estudar na metrópole graças a uma bolsa oferecida pela Igreja. Mora numa missão protestante afastada de Lisboa. Conhecedor e adepto das idéias de Fanon (3), acredita que a violência é uma primeira fase necessária para conscientizar os colonizados: “O camponês só pode ser mobilizado para a luta de forma bem concreta, que ele entenda por exemplo o ódio racial (...)” (Fanon, 1961 p. 96). Acredita que, incorporando brancos e mulatos, nunca se poderá construir uma sociedade justa em Angola, porque estes tenderão sempre a dominar os negros. Alinha-se declaradamente com o discurso da UPA – União das Populações de Angola, pois para ele foi a única organização que soube mobilizar populações inteiras para lutar contra o colonialismo. Apesar de todas as diferenças, Elias é um antigo conhecido de Vítor, desde os tempos da primeira juventude ainda em Angola.

Cinco trajetórias distintas, entrecruzadas. Em comum, a Angola de ontem, dos tempos de infância, a terra natal que desejavam ver independente. As divergências: que Angola pretendiam construir e os caminhos indicados para fazê-lo. Feitas as apresentações, é chegada a hora de tecer o diálogo entre ficção e história. Vamos ao contexto para interpretar melhor o texto.

Esses estudantes – não só os personagens mas também o autor – viveram uma época histórica de mudanças políticas fundamentais e Lisboa desenhava-se como um espaço privilegiado de contato com os acontecimentos e idéias que agitavam a cena mundial. Depois da segunda grande guerra, o mundo se bipolariza sob o pesado poderio das potências estadunidense e soviética demarcando a guerra fria. Numa tentativa de resposta alternativa à divisão dual de poderes acontece a Conferência dos países não-alinhados em Bandung (1955). O final dos anos 50 e início dos anos 60 são marcados por uma seqüência de emancipações de países no continente africano. Apesar da maioria das independências ocorrerem de forma pacífica, negociadas com as antigas metrópoles, destacou-se no período a cruenta guerra da Argélia (1954-1962) para libertar o país da dominação francesa. Fundamental para fortalecer a luta angolana foi a independência do vizinho Congo Belga em 1960. É ali que irão se estabelecer as bases dos movimentos que sustentarão a luta armada no interior de Angola.

No período as ideologias da negritude e do panafricanismo alimentavam uma onda de valorização do negro e sua cultura, impulsionada em grande parte pela repercussão da luta pelo fim da discriminação racial e pela igualdade de direitos civis empreendida pelos afrodescendentes nos EUA. ‘Black Power’. ‘Black is beautiful!’. As mulheres desafiam o machismo e conquistam novos espaços. Nos primeiros anos na década de 1960 ocorre também a consolidação da revolução cubana; a construção do muro de Berlim; a conquista do Espaço...

Ao mesmo tempo, desde a segunda metade da década de 50 já fervilhavam no próprio território angolano ideais anticolonialistas. Alguns pequenos grupos divulgavam idéias independentistas no meio urbano clandestino em ações difíceis e isoladas, daí surgiram algumas correntes de contestação que mais tarde ingressarão no MPLA (Bittencourt,

2002: 28). Enquanto isso, no Norte do país organizava-se em torno de Holden Roberto a UPNA (União das Populações do Norte de Angola) que, adotando um discurso mais geral, se transformaria em UPA (União das Populações de Angola) e posteriormente daria origem à FNLA (Frente Nacional pela Libertação de Angola), um dos movimentos mais importantes na luta anticolonial.

No caso angolano, as atividades culturais tiveram papel muito importante junto à difícil movimentação política clandestina, sobretudo nos meios urbanos. A estreita ligação entre atividade cultural e iniciativa política foi o caminho possível para promover a conscientização e a organização necessárias ao início da luta anticolonial (Bittencourt, 1999: 123-124). Destaca-se a Literatura, principalmente a produção de poetas como Viriato da Cruz, um dos idealizadores do MPLA, que trazem a voz do povo para cantar a terra angolana, para expressar o sentimento de diferença em relação ao colonizador. A Literatura embala sonhos de mudança.

Em 1957 a PIDE se instala em Luanda e dois anos depois executa várias prisões. Em 1960 é preso Agostinho Neto, médico e poeta, intelectual engajado na luta pela independência que seria o futuro presidente do MPLA e posteriormente de Angola libertada. Em 1961 ocorre o chamado “4 de fevereiro”, episódio histórico assinalado pela tentativa de resgate dos presos políticos de 1959. Marco da luta anticolonial e a mais expressiva ação urbana da longa guerra de independência, pois, apesar do fracasso do ponto de vista militar, ganha repercussão internacional. Em seguida ocorre o “15 de março”, violento levante liderado pela UPA que abalou o Norte da colônia e reforçou o perfil étnico do movimento, revelando as limitações das propostas que defendia e enfraquecendo sua imagem no contexto internacional.

*Desconstrução, superação de limites, invenção do novo. Tempo de transformação.*

Mesmo que Portugal vivesse então sob o regime ditatorial salazarista, expoente dos fascismos europeus, era mais fácil tais informações circularem, embora clandestinamente, numa capital europeia do que nas colônias portuguesas onde a repressão se fazia ainda mais intensa. Foi também a partir de Lisboa que os estudantes africanos puderam travar contato com os partidos da esquerda europeia, principalmente

com os Partidos Comunistas. Aproximação fundamental para a organização político-ideológica dos incipientes movimentos de libertação. Tal encontro teve como cenário um lugar em especial: a “Casa”. Maneira carinhosa do escritor e personagens se referirem ao lugar que foi fundamental em suas trajetórias. *Lugar de memória* tão importante que intitula a primeira grande parte do romance: “*A Casa (1961)*”.

A Casa dos Estudantes do Império – CEI – tinha como função acolher os estudantes vindos das diferentes possessões portuguesas, facilitando a estadia na capital enquanto completavam a formação acadêmica. Local de convivência, encontros sociais e lúdicos, foi também ambiente propício aos debates e à transmissão de idéias libertadoras. Tal experiência coletiva alimentou no imaginário dos estudantes africanos o “processo progressivo de afirmação de uma identidade própria, da tomada de consciência das diferenças históricas, culturais e sociais e, também, a necessidade de organização e prática política antifascista primeiro e, mais tarde, anticolonialista” (Rocha, 1997: 103).

A Casa foi o berço de muitos jovens que se empenhariam como futuros quadros dos movimentos na luta pela independência das diversas colônias portuguesas em África. Graças à intensa mobilização política que abrigava, a Casa ganha “má fama”, fica conhecida como um lugar de comunistas (Pepetela, 2000:103), ou como o principal centro recrutador de colaboradores ao terrorismo, segundo a linguagem oficial da PIDE. De uma maneira ou de outra, todos os personagens mantêm alguma relação com a Casa. Referência importante até para os que não concordavam com as idéias que ali circulavam e ganhavam força. Caso de Elias, que julgava tais idéias utópicas, não funcionais, e, em oposição, apoiava outro projeto de independência.

As idéias “terroristas” divulgadas na CEI, com as quais nossos outros protagonistas se identificavam, foram o germe do projeto utópico de construção da futura nação angolana defendido pelo MPLA. A intenção era oferecer ao novo país que se pretendia formar um programa político sensato e conseqüente. Previa-se “a necessidade de instalar, numa Angola independente, um regime republicano, democrático, laico, baseado no sufrágio universal, com um Estado forte.” (Bittencourt., 2002: 104). Entretanto, como já assinalamos, o projeto apresentava sérios limites e contradições. O

racismo apresenta-se como uma barreira difícil de ser ultrapassada. Apesar de acreditarem na importância do trabalho intelectual para mover a luta pela independência e lhe dar credibilidade, para além dos “discursos politicamente corretos”, a cor parecia contar mais que idéias e comportamentos.

Porque na Angola de então, não só os brancos nacionalistas eram tratados com distanciamento, mas também os mulatos e os negros que tiveram a oportunidade de estudar, ou conseguiram empregos razoáveis, todos eram vistos como privilegiados pela maioria negra, além de serem tratados com desconfiança pelos demais brancos que os consideravam “terroristas”. Reflexos do colonialismo. A descolonização criaria “homens novos”, que se farão no processo mesmo pelo qual se libertam (Fanon, 1979). Quanto tempo esses “novos homens” levarão para amadurecer? Ainda estamos no início do processo e nossos jovens “iluminados” ensaiam os primeiros passos.

A trajetória de Sara retrata a profunda contradição de um projeto nacional para Angola que tendo tendências modernizantes democráticas inspiradas inclusive pelas idéias comunistas, não deixa de ser marcado por “*preconceitos pequeno-burgueses*” (4) e pelo racismo, internalizado e cristalizado no “*retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*” (Memmi, 1977).

Sara apóia a luta para construir a nação angolana, mesmo seguindo um projeto que não incorpora declaradamente os nacionalistas brancos, porque acredita que a intolerância cessará depois da independência. É quem percebe e aponta os limites do nacionalismo, potencial provocador de racismos ou xenofobias:

No nosso caso [angolano] , ou no caso da África em geral, o nacionalismo é uma fase necessária e vale a pena lutar por ele. Não ponho isso em dúvida. Mas provoca também exclusões injustas. E, se exagerado, leva as sociedades a fecharem-se sobre si próprias e a não aproveitarem do progresso de outros povos (Pepetela, 2000: 92).

Em contrapartida, é também ela que expressa a utopia, o projeto ideal, baseado no casamento harmonioso entre dois contrários antagônicos: o nacionalismo e o internacionalismo. Eis a utopia que alguns jovens intelectuais vão tentar colocar em prática em Angola.

Momento de ebulição em Angola e nas demais colônias. Em Lisboa instala-se um clima de desconfiança e tensão, aumenta a censura e a repressão. A inquietação provocada pela suspeita de perseguição política tornava a vida na metrópole insuportável. Todos, sem exceção, se vêem envolvidos com a política. Para reforçar a idéia, quem faz essa constatação no romance é Malongo, que sempre se definiu como apolítico. De nada adiantava tentar manter-se fora dos assuntos políticos, eles interferiam no presente e no futuro de todos. A grande preocupação, que será compartilhada com os demais estudantes angolanos, é a possibilidade de convocação para cumprir o serviço militar obrigatório justamente nas tropas que estavam sendo mobilizadas para fazer frente às ações armadas contra o colonialismo em Angola. Os estudantes começam então a pensar em fugir de Portugal. Passam a ver a França como o asilo de todos os perseguidos, o lugar da tolerância, para onde migravam todos os contestatários.

Nesse episódio romance e ficção se encontram diretamente, para além de todas as metáforas e demais artifícios literários, pois em junho de 1961 houve uma fuga de cerca de cem estudantes africanos de Lisboa, do Porto e de Coimbra. O destino: Paris. A operação-fuga teria contado com o apoio logístico e financeiro do Conselho Mundial das Igrejas Protestantes, da CIMADE – organização francesa de ajuda humanitária, agentes da CIA e a intervenção do governo francês. Mas só foi possível devido à prévia mobilização e organização dos estudantes (Rocha, 1997: 108-109). Uma vez em Paris, o grupo de estudantes se divide. Uns vão completar os estudos nos EUA ou nos países da Europa Ocidental e Oriental. Outros se aliam às fileiras dos movimentos de libertação.

Os destinos dos personagens continuam a se entrelaçar com a trajetória do criador. Engajado na intensa atividade intelectual e política desenvolvida em torno da Casa dos Estudantes do Império, aos 21 anos de idade, Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos

– futuramente conhecido como Pepetela – deixa Portugal em 1962 fugindo do recrutamento militar (Laban,1990: 787). Segue para Paris, e pouco depois se estabelece na Argélia, onde se licenciou em Sociologia e trabalhou na representação do MPLA e no Centro de Estudos Angolanos, que ajudou a criar.

A fuga fecha um capítulo da vida da *geração da utopia*. Encerra o primeiro grande capítulo do romance e também o nosso.

## Intervalo

### Havemos de voltar

Às casas, às nossas lavras  
às praias, aos nossos campos  
havemos de voltar

Às nossas terras  
vermelhas do café  
brancas do algodão  
verdes dos milherais

havemos de voltar

Às nossas minas de diamantes  
ouro, cobre, de petróleo  
havemos de voltar

Aos nossos rios, nossos lagos  
às montanhas, às florestas  
havemos de voltar

À frescura da mulemba  
às nossas tradições  
aos ritmos e às fogueiras  
havemos de voltar

À marimba e ao quissange  
ao nosso carnaval  
havemos de voltar

À bela pátria angolana  
nossa terra, nossa mãe  
havemos de voltar

Havemos de voltar  
À Angola libertada  
Angola independente.

Agostinho Neto  
Cadeia de Aljube, Outubro de 1960

## Segundo Ato: decantação da utopia

*En cualquier sociedad, los individuos que se dedican seriamente a pensar experimentan una alienación, fruto de la tensión entre lo ideal y lo real, o entre lo que el individuo desea alcanzar y lo que la sociedad le permite llegar a ser (Malia, 1971: 28).*

O momento é o da experimentação prática da validade do discurso. Tempo de testar as hipóteses aventadas enquanto a luta anticolonial ainda era romanticamente idealizada pelos jovens intelectuais nos cafés parisienses, entre goles de um bom vinho. 1972, onze anos de guerra, momento dramático para o MPLA que enfrentava sérias crises internas. O clima era de desconfiança, intrigas e acusações. O recuo da guerrilha no Leste provocado, entre outras coisas, pelo impacto da contra-ofensiva portuguesa, impulsiona a formação de grupos e lideranças descontentes com a atuação da direção do movimento.

Os militantes originários sobretudo da região leste, assim como alguns dos quadros do centro-sul, a partir do momento em que se agravou a situação militar e logística do movimento, passam a questionar a preponderância dos dirigentes pertencentes a grupos etnolingüísticos do norte da colônia nos cargos diretivos das diferentes esferas do MPLA. (Bittencourt, 2002: 575).

O cenário agora é o *mar interior*. O coração de Angola, com toda a exuberância misteriosa da natureza, onde se desenrola a luta armada, onde o homem percebe sua pequenez. É também o íntimo desse homem que não é super, seu subconsciente, onde trava uma guerra ainda maior. Disputa apresentada em duas escalas, mas que não deixa de ser a mesma, entre o sonhado e o realizável. O homem é Vítor.

Depois de passar quatro anos gozando uma vida boêmia entre Colônia e Paris às custas de uma bolsa de estudos, Vítor responde ao chamado do Movimento e vai integrar-se na guerra pela independência, sob o codinome Mundial. Aceitou ir fazer a guerra respondendo à obrigação da consciência política, belo nome para se enganar e auto-

induzir ao voluntariado forçado. Afinal que diriam os amigos, que seria do futuro? Além disso, já estava farto das discussões revolucionárias nos cafés, cansado da rigorosa censura moral revolucionária e das lutas ideológicas de todas as tendências supostamente revolucionárias.

“A memória é uma ilha de edição”, assim dizia o poeta Wally Salomão. Nessa câmara de ecos potencializada pelas circunstâncias desoladoras em que se encontra na guerra, Vítor recupera esses e outros elementos de sua *trajetória* (Velho, 1999b: 47) que ganha consistência a partir do delineamento de um *projeto* individual com objetivos específicos. Memória e *projeto* articulam-se dando significado as ações do personagem.

Conquistar o apoio das populações era de fundamental importância logística para o movimento de libertação. Mas, a essa altura, o povo tinha perdido a confiança na guerrilha. Rendia-se ao pessimismo e ao imobilismo, reflexos do retrato mítico e degradante dos colonizados divulgados pelo colonizador (Memmi, 1977: 83). O povo fugia da guerra recuando para a fronteira. Tinha fome, pois as plantações foram destruídas com bombas Napalm usadas pelas forças Armadas Portuguesas. Desesperança.

Mundial também precisa chegar à fronteira da Zâmbia, neste caso para encontrar-se com a direção do movimento. Nunca foi um guerrilheiro de base, tinha um cargo de liderança, era um responsável. Mas também enfrentava a fome. Por isso abandonava o povo miserável já sem sentimento de culpa, sem se questionar como fazia quando ainda se considerava um intelectual – ator social que interpreta a realidade, “representa algo para seu respectivo público e assim se auto-representa diante de si próprio” (Said, 2005: 14). Quando perseguia ainda um sonho coletivo e a ideologia o fazia tudo enfrentar com uma fé religiosa. O sentimento de missão vai esmorecendo na luta pela sobrevivência. A utopia decanta-se.

Marcha sozinho, perde-se do grupo de guerrilheiros que liderava. Perde-se entre rios, florestas e áreas semidesérticas dos caminhos incertos da Angola selvagem que pouco conhecia. Logo o pânico vem lhe fazer companhia embaraçando lembranças e dilemas,

expondo contradições. Pensa na Europa, deseja-a, no meio de uma África que avalia desgraçada e tão perdida como ele. Mundial pertenceria mesmo àquele universo? Se um dia pertenceu, já não mais se identificava com tudo aquilo que o cercava. Experimentava ali um verdadeiro embate cultural, provocado pelo fosso profundo entre sua experiência de vida no exterior e as circunstâncias que encontra no interior de Angola, a realidade do povo, dos guerrilheiros que lidera, na grande maioria camponeses.

“Os *projetos*, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus *projetos*. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente.” (Velho, 1999b: 48). A princípio Mundial quer chegar a Zâmbia e encontrar a direção para propor uma mudança radical no movimento. A crise ainda pode ser revertida, com homens honestos e decididos no comando. Afinal, “o inimigo [o colonialismo português] é como um parálítico, é um subdesenvolvido material e moral, obscurantista. Se se mantém de pé, é porque não temos sabido agir.” (Pepetela, 2000:162-163). No caminho a fome, o frio, a dor, o cansaço, a tensão, o desespero, a morte, o medo, sempre a desafiar os limites humanos. Diante das dificuldades impostas pela guerra, os ideais revolucionários vão perdendo o sentido para Mundial: os idealistas se enganaram.

Enquanto os sonhadores e o povo se sacrificam lutando, alguns “espertos” têm as justificativas necessárias para angariar apoio internacional e receber financiamentos. Capital para ser investido na guerrilha, mas desviado para sustentar a boa vida de poucos privilegiados no exterior. Tais acusações de corrupção vão desaguar numa leitura regionalista dos problemas.

Os dirigentes do movimento de libertação arruinaram a guerra, abusaram do povo, pouco fizeram para desenvolver e formar os homens. Ensinavam o discurso da igualdade sem praticá-lo. Competência, honestidade e formação revolucionária não eram os fatores de maior peso para fazer parte da liderança do movimento. O que contava mais era o fato de ser do Norte ou não. Poucos eram os comandantes do Leste,

que chegavam a tal posto porque os outros não queriam pegar em armas, e tinham a atuação no poder limitada por serem analfabetos (Pepetela, 2000:175).

Dentre os movimentos organizados atuantes na luta pela libertação de Angola, o MPLA – movimento que posteriormente se tornou partido e até hoje domina a cena política angolana – destaca-se por ter sido gerado no seio da intelectualidade. Portanto, a direção era composta basicamente por intelectuais. Assim, o discurso anti-intelectual também vai mobilizar os quadros do interior, chamados “verdadeiros filhos do povo”, que não tiveram chance de completar os estudos, já que o ensino universitário só foi implantado em Angola depois do início da luta armada, e viam os universitários e “senhores doutores” como privilegiados. Os intelectuais faziam o trabalho de relações públicas, divulgavam o MPLA no exterior garantindo, pela repercussão, um maior impacto das ações armadas contra o colonialismo português. Também cativavam apoios internacionais, tanto diplomáticos quanto em recursos financeiros. Entretanto, no difícil contexto da luta armada a participação ativa em combate assume uma importância legitimadora incontestável e os intelectuais que não tomam parte nessa responsabilidade acabam sendo duramente criticados.

Por trás das acusações citadas o que estava em questão era o lugar atribuído a cada militante do MPLA, o desempenho na luta anticolonial, a participação efetiva ou não na guerrilha. Esses elementos compunham o pano de fundo legitimador do acesso à direção política do futuro país independente. Em resumo, a problemática levantada em torno da intelectualidade, do racismo, do regionalismo, do tribalismo, representava a disputa por privilégios momentâneos e futuros.

Oportunismo? Mundial já não criticava a postura da direção do movimento com intenção de modificá-la, mas sim de tomar parte nessa divisão desigual do poder. O objetivo é nunca mais voltar ao inferno da guerra; abandonar farda, arma e o nome de Mundial, ser só Vítor Ramos (Pepetela, [1992] 2000:183). Do sonho coletivo à defesa dos próprios interesses, sobreviver, viver. *O campo de possibilidades (5)*, apresentando-se cada vez mais estreito, inspirava a mudança radical do personagem. “O tempo do romantismo morreu” (Pepetela [1992] 2000:184).

Traição. Entregar-se ao inimigo, é idéia que se apresenta cada vez mais vivaz ao longo do percurso incerto de Mundial em busca da fronteira. Afinal era humano, tinha medo, frio, fome... A fome é motor de reflexões críticas importantes:

Quanto mais rica a sociedade, menos pensa no fundamental. Que injustiça. Como não haver revoltas? A verdadeira luta de classes é a contradição que opõe os que passam o dia a pensar na barriga para a encher e os que, se nela pensam, é apenas para a esvaziar [fazer dieta]. E não me venham com teorias, esta é a única verdade (Pepetela, 2000: 187).

Mas para quê insistir em se arriscar por um movimento enfraquecido, desacreditado? Desertar vai se definindo como perspectiva mais concreta do que passar a fronteira sozinho. Mundial reconhece sua mediocridade, mas já não se importa. Diante da morte que importa a moral? Que fariam os outros numa mesma situação, quem poderia julgá-lo?

O Sábio, seu contraponto. O único que aparecia como incorruptível, revolucionário tipo ideal, no imaginário de Vítor-Mundial. O mesmo Aníbal que durante os anos estudantis em Lisboa tinha lhe inspirado e incentivado a abraçar a política. Na guerrilha recebeu a alcunha de Sábio porque sempre passava demasiadas lições de moral, sempre falava em nome do povo. Lutaram lado a lado. Apesar de também ter se desiludido com os rumos da guerra, não renegava os revolucionários ideais políticos, pelo contrário, insistia em defendê-los.

Sábio aparece como aquele que mantém a idéia do compromisso com o povo. “Pensa nessas mulheres e crianças que olham para nós ainda com alguma esperança. Nós éramos os salvadores, os redentores. Como o seremos, se nos combatemos?” (Pepetela, [1992] 2000:170) Critica a fragmentação do movimento. Reconhece que “o caminho que a guerra tomou é absurdo”. Os guerrilheiros nada têm de combatentes revolucionários, seus principais problemas são individuais. Tribalismo e regionalismo viravam desculpa para tudo. Para reverter a situação propõe a criação de um Partido

revolucionário dentro do movimento para liderá-lo. Os elementos do partido deveriam ser escolhidos somente entre os militantes sem máculas, a julgar por uma comissão. Ecos de idéias defendidas, na história real, pelo movimento conhecido como “Revolta Ativa” (Bittencourt, 2002: 648-680), que reivindicava a necessidade de mudanças na estrutura interna de poder como única forma de encontrar soluções para a crise que vivia o MPLA?

Notícias sobre os demais protagonistas nos chegam apenas através da memória de Mundial e ainda assim de maneira muito breve. Um prenúncio das cenas dos próximos capítulos. Malongo abandonou Sara e a filha Judite em Paris, depois de não conseguir mais espaço como jogador de futebol e de tentar o sucesso como artista mambembe, foge das decepções de não conseguir sustentar a família. Sara exercia a medicina num hospital de Paris enquanto aguardava ser chamada pelo Movimento; continuava no exílio sem saber a verdade sobre o que se passava em Angola, na guerra. Assim mantinha a ilusão consoladora de que lá seus amigos se batiam heroicamente pela independência. Elias, o protestante adepto de Fanon, tinha se filiado à UPA, depois FNLA de onde, provavelmente, desvinculou-se para formar a Unita – o terceiro movimento organizado em luta pela independência de Angola.

Para Mundial, Aníbal deixa de ser figura inspiradora e passa a ocupar o lugar de modelo incômodo. Personificação de tudo aquilo que agora ele quer renegar. Entre a tentação da rendição e a marcha desesperada à procura da fronteira, Mundial vai expiando contradições e assumindo paulatinamente uma postura quase “maquiavélica”, obsessiva, na busca pelo poder. Desobriga-se dos sonhos utópicos que defendeu com fervor um dia. Renuncia ao antigo amigo Sábio. Do amor ao ódio, deseja, ainda que inconfessavelmente, a destruição do antigo “ídolo”.

Assumindo-se já como traidor, caminhando para se entregar ao inimigo, Mundial é encontrado por um pequeno grupo de guerrilheiros. A partir daí é jogar conforme o jogo se apresenta: comporta-se como o mais fiel e revolucionário dos guerrilheiros. “*Vitória ou Morte!*”; “*A Vitória é Certa!*” (6) Conta aos guerrilheiros as desventuras

por que passou enquanto esteve marchando perdido e sozinho. Admirados reconhecem a coragem do companheiro. Ao que ele responde: “ Não sou assim tão bom como julga. Mal sabes tu que estou a ser sincero, pensou Mundial. A melhor maneira de não se fazer acreditar é dizer a verdade” (Pepetela, 2000:202).

Justificativa válida também para o escritor que faz da própria história ficção. Pepetela é um *escritor engajado* (Sartre, 1993). Expondo a História literariamente desvenda o mundo e o ser humano para si e para a humanidade, afim de que estes assumam a responsabilidade em face do que está sendo posto; explora a função social da literatura. A ficção emociona o leitor e provoca o olhar crítico sobre a realidade.

Depois do providencial encontro com os guerrilheiros, Mundial recupera a segurança, mas a metamorfose não tem retorno. Transformou-se no mais ardiloso: “Foi melhor assim, não precisei de me render. Sempre o poderei fazer, se as coisas continuarem más.” (Sartre, 1993: 201) Analisa as posições políticas de seus salvadores, uma amostragem da percepção do povo em relação ao movimento e a guerra. Ponderando a partir dessas informações adota um discurso semelhante ao da “Revolta do Leste” (Bittencourt, 2002: 615-630), histórica dissidência no interior do MPLA que se apoiava no regionalismo e na caracterização étnica.

Entra em cena um novo personagem: Mukindo. Guerrilheiro do Leste, crítico ao tribalismo e regionalismo. Desacredita as reuniões da direção do movimento, as mesmas das quais Mundial almeja participar, porque os que estão no poder, independentemente da região ou etnia a que pertencem, não se preocupam com o povo. Para ele essas reuniões só serviam para substituir os privilegiados. Os do Leste que agora insuflavam o povo contra os do Norte estavam interessados apenas em chegar ao poder e ascender politicamente. “O povo é como tronco de árvore. Todos se apóiam a ele, sobem por ele, para apanhar os frutos que estão lá em cima. Não é o povo que lhes interessa. Só os frutos.” (Bittencourt, 2002: 209).

O discurso de Mukindo denuncia a distância que separa o povo/guerrilheiros simples das lideranças/intelectuais. Os últimos se imaginam superiores, os donos da guerra, porque falam português. Mas o povo não fala português. Ele quer ver responsáveis do povo no poder. Representantes que conheçam e respeitem o povo, que se identifiquem com ele, seja qual for a filiação étnica e/ou regional, como o Sábio que vinha do Norte, era um intelectual, mas sempre esteve ao lado dos guerrilheiros, sempre defendeu todos os angolanos.

Mundial considera Mukindo um anarquista. Mas não deixa de aproveitar seu discurso, interpretando-o e somando-o a uma exposição retórica didática para persuadir a todos, até mesmo o próprio Mukindo, de que estavam em consenso. Assim conquista o apoio do grupo de guerrilheiros: “o muata é mesmo um político (...) Muitos assim é que precisávamos lá em cima” (Bittencourt, 2002: 209). Ainda que essa unidade fosse precária, mesmo que Mukindo permanecesse desconfiado, ficava a idéia de que ele era capaz de traçar uma linha de ação que convinha a todos. Eis Mundial a fazer política no interior do MPLA, a construir uma base de apoio, de legitimidade, que o levaria mais facilmente ao poder. Agora tinha ainda mais motivos para chegar à fronteira.

Apesar do discurso não-racialista, multiétnico e nacional defendido pelo MPLA, a direção e os próprios militantes não desconsideravam a força desses fatores, quer como elementos mobilizadores para a luta, quer como capazes de aprofundar os problemas internos do movimento (Bittencourt, 2002: 624). O regionalismo e o tribalismo vão mostrar a fragilidade da proposta única e aglutinadora em que apostava a direção do movimento. Apresenta-se assim mais uma contradição do projeto de identidade nacional que se pretendia monolítico.

Angola sempre foi um mosaico. O somatório de várias identidades nacionais. A convivência entre várias nações – compostas por distintos grupos etnolingüísticos com suas particularidades culturais distribuídos diferentemente pelo território angolano – nunca foi igualitária. Durante a guerrilha tal realidade histórica alimentou o chamado tribalismo na disputa pelo poder político no MPLA. Pois, para além do regionalismo que marcava a diferença entre os do Norte e os do Leste, havia várias subdivisões

sustentando a organização da sociedade angolana e do movimento. No Leste os guerrilheiros diziam: “kamundongo é muata, mbunda é chefe, kangala ou lutxaze é só guerrilheiro” (7) (Pepetela, 2000: 215).

O histórico dessas diferentes nações está marcado pelas disputas por territórios e poder, o que significava dominar ou fazer alianças com outros grupos/nações. A situação durante a guerra de libertação não se diferenciava muito disso. Sob o guarda-chuva do tribalismo e do regionalismo, diferentes grupos etnolingüísticos organizaram-se para contestar o poder político da liderança do MPLA, formada principalmente por indivíduos do Norte do país. As antigas contendidas avivadas durante a guerrilha vão continuar, por longo tempo, permeando as disputas políticas na Angola independente.

Assinalando a decantação do projeto utópico para a futura nação angolana há ainda o episódio da caçada ao mbambi (pequeno antílope). Já bem próximos da fronteira, Mundial e dois guerrilheiros que o guiavam lançam-se à caça do pequeno animal. Respondiam a um preceito conhecido de todos: tinham fome, matavam os mais fracos para não morrer.

O primeiro tiro parte de um dos simples guerrilheiros. Povo que desacredita na luta pela independência. O mbambi – Angola em projeto – resiste; corre para a esquerda à frente de Mundial; corre para a direita diante do guerrilheiro. À esquerda de Mundial estão Sábio e Mukindo, defendendo uma revolução baseada no compromisso moral com o povo. À direita do simples guerrilheiro, estão as lideranças intelectualizadas que desconhecem sua realidade e pouco se importam com isso; preocupam-se apenas com os jogos do poder. “Tremenda resistência, pensou Mundial. Tal é o apego a uma vida miserável.” (Pepetela [1992]; 2000:220) Seguem em perseguição, depois de vários disparos o animal morto permanece de olhos abertos pra o sol, procurando talvez uma explicação. Pepetela nos apresenta algumas ao longo do romance. A história não é espaço de definições únicas, mas sim um campo aberto de alternativas. Explicações são sempre variáveis e contam com uma boa dose de subjetividade. Do mbambi ventre desprende-se um feto. Utopia que morreu sem chegar a se realizar.

Os homens comem a carne apenas semicozida por falta de lenha. “Mundial comia sem gosto, sem poder evitar os olhos do mbambi fixos nele.” (Pepetela [1992]; 2000:221) Olhos que o fazem lembrar os do Sábio. Culpa? Isso agora já não importava. Mundial enterrou o passado na areia da chana, junto com as promessas e os ideais coletivos, junto com o feto do mbambi. Só lhe importava o futuro, onde ele já estava, e salvo.

**Intervalo**José

*E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora José?  
e agora, você?  
você que é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?*

*Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
cuspir já não pode,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o riso não veio,  
não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora José?  
(...)*

*Carlos Drummond de Andrade*

### Terceiro Ato: extinção da utopia?

*eu vejo tudo claramente  
com os meus óculos de grau  
loucura é quase santidade  
e o bem também pode ser mal*  
(Zeca Baleiro, 2002)

Um mártir eremita que lamenta a vida que escolheu. Assim se define Aníbal, o Sábio, sozinho com os pensamentos num abril de 1982, na pequena e deserta baía do litoral de Angola que escolheu para viver. Os tempos agora eram os de busca da paz, ao menos de uma paz interior que dissipasse as desilusões provocadas pela já antiga guerra contra o colonialismo português e pelos desdobramentos do pós-independência.

O país que ajudara a construir ainda não conhecia a paz. “Depois da independência o MPLA teve que fazer frente à tentativa imperialista de neocolonização representada pelos movimentos fantoches (FNLA e Unita), e mais tarde às invasões por parte da racista África do Sul.” (Depto. de Informação e Propaganda do Comitê Central do MPLA - Partido do Trabalho. *Angola: trabalho e luta*, 1985: 16).

Em 1977 o MPLA se transforma num partido organizado e estruturado nas bases dos princípios do marxismo-leninismo – mesmo sem deixar de fazer acordos com empresas do “mundo capitalista”, principalmente relacionados à exploração do petróleo. O Estado passa a gerir todas (ou quase) as esferas da vida no país apoiado numa enorme e pouco funcional burocracia. O discurso oficial a defender a construção do socialismo como um objetivo político-estratégico que interpretava fielmente os anseios das massas trabalhadoras angolanas (Conforme o Depto. de Informação e Propaganda do Comitê Central do MPLA - Partido do Trabalho. *Angola: trabalho e luta*, 1985).

A dialogar muito mais com os apoios internacionais recebidos no contexto da guerra fria do que com o povo. Apoio cubano e soviético, fundamental para a manutenção do poder dos que produziam o referido discurso.

Sábio viu o desmoronar da guerrilha sem recuar da frente de combate até que a unidade que liderava resumiu-se a três homens. Atravessou toda uma zona rebelde acompanhado apenas de um guia. Procurou a direção do movimento que desconfiou dele por ter conseguido chegar até ali ileso. Não foi convocado para nenhuma reunião importante. Logo lhe sugeriram fazer um curso de formação militar para o Estado Maior na URSS. Regressou a Angola em 1975 em plena guerra contra a FNLA e a Unita. Foi imediatamente destacado para chefiar uma coluna com o objetivo de travar a invasão sul-africana. Em 1977 foi a Luanda explicitar o que o opunha à direção do exército e pedir reforma. Não lhe deram, não havia lei para isso, mas o deixaram sair com direito a uma pensão alimentar. Sua falta de apetite pelo poder incomodava aos que se empanturravam. Criticava os que pensavam ter direito à privilégios porque lutaram na guerra pela independência. Desligou-se dos compromissos políticos. Não suportava participar de banquetes para poucos enquanto o povo passava fome.

Buscou o isolamento. Uma casa no alto de um morro, quase à beira de uma falésia. A sala, descrita como uma catedral iluminada, compõe o clima de destaque do personagem caracterizado como um profeta. Sacralizado? O intelectual representado em toda a sua exclusiva superioridade (8) em relação aos leigos e interessados em vantagens materiais e promoções pessoais. O que não se deixa corromper, o mais puro dos guerrilheiros, o homem eticamente mais coerente de sua época. Respeitado como um modelo de virtude ou incompreendido e tido como louco. Herói de uma história sem heróis.

A casa não podia ser percebida da praia e o caminho entre as duas era íngreme, difícil. Tampouco podia ser vista da estrada à qual estava ligada por uma picada tão discreta que passava despercebida aos motoristas. Praticamente um esconderijo. À frente o mar, ao redor, um mar de morros vazios.

A cidade mais próxima, Benguela, ficava a vinte quilômetros. Os únicos vizinhos que avistava, o pescador Ximbulo e o que restava da família, mulher e filha, estavam distantes cerca de um quilômetro. Tinham perdido dois filhos na guerra. Aníbal conheceu o mais novo, guerrilheiro na coluna que liderava, comunicar sua morte foi o

motivo que o levou de volta àquela baía visitada uma vez na infância. Tornou-se amigo da família e fez do lugar de memória redescoberto seu refúgio.

Mais perto, mas não ao alcance dos olhos, atrás de alguns morros castigados pela seca, havia um campo de refugiados, camponeses num lugar de agricultura impossível, vivendo da pesca e de rara ajuda humanitária. “Bocas esfomeadas, fugidas de uma guerra que ainda não tinham entendido.” (Pepetela: 2000: 227). No campo de deslocados não havia homens novos. Todos foram apanhados por um ou outro dos exércitos para fazer a guerra. Só restavam velhos, mulheres e crianças, indefesos.

Por vezes Aníbal ia até lá ou reivindicava assistência para eles junto aos órgãos do governo, que deveriam se responsabilizar, mas pouco faziam. Movido por uma humana compaixão ou por um sentido de dever? Pelo inconformismo alimentado ao longo da trajetória de intelectual que tinha como meta construir uma nova Angola e promover o progresso real do povo, paternalismo?.

Ximbulo vivia do pescado vendido aos “candongueiros”, comerciantes clandestinos que moviam o “mercado paralelo”, na verdade, mais funcional que o oficial. Lucravam muito com as negociatas e o povo tinha que lhes agradecer, pois sem eles a vida seria ainda mais difícil. A inoperância do Estado transformava em desafio arranjar até mesmo os gêneros de primeira necessidade. Ximbulo sonhava em reativar a pescaria e contratar alguns deslocados para ajudá-lo a puxar as redes. “Sonhos pequeno-burgueses”, gozava Aníbal. O pescador não entendia, ele também não explicava, mas incentivava o único amigo no meio daquele silêncio a perseguir os sonhos.

Sábio tornara-se um *intelectual outsider* (Said, 2005: 16). Sentia-se impotente diante de uma rede esmagadoramente poderosa de “autoridades sociais” que afastavam as possibilidades de realizar qualquer mudança. Não pertencia deliberadamente a essas autoridades. Rejeitava a idéia de fazer parte da *intelectocracia* (9). Relegou-se ao papel de testemunha a confirmar o horror. Os personagens secundários com quem interage – Ximbulo e sua família, os deslocados, os donos de bar Antonio e Honório, o caminhoneiro que lhe fornece água, Mukindo – são representações do povo angolano.

Seus pequenos grandes dramas revelam a falência do projeto que lhes prometia o “paraíso terrestre”.

O paraíso estava mais para purgatório. Depois da independência o povo continuava a desconhecer os benefícios da tão sonhada liberdade. O fim da luta contra o colonialismo português não trouxe sequer a paz. No tempo do colono “as estradas eram mais seguras”, “tinha mais peixe e trabalho”, “os bares viviam cheios”... o povo sofria menos? Agora sofria com os recursos ao alcance das mãos. É essa crueldade que Pepetela acusa no texto. Denúncia do colapso do Estado e da crescente degradação da sociedade angolana. Notícias que não saiam nos jornais. Histórias que ainda estão por ser escritas.

### **O polvo: metáfora do colonialismo português?**

A história do polvo é mencionada pela primeira vez logo no início do romance. Quando, ainda em Lisboa, Aníbal confia à amiga Sara a possibilidade de ingressar na clandestinidade para lutar pela independência de Angola conta também uma estranha experiência que viveu na infância. Nessa mesma praia, que agora transformara num refúgio, encontrara com um “monstro”, um polvo gigantesco. Desde então, jurou pra si mesmo que um dia voltaria àquela baía e o derrotaria.

O polvo assustador, inimigo mítico, lhe aparecia em pesadelos antes das batalhas que travara na vida. Agora era chegada a hora do confronto. O enfrentamento com o polvo representava o embate contra todos os inimigos da trajetória de Sábio. E ele queria parecer, pra si, para o inimigo e para as aquáticas testemunhas do combate, o herói justiceiro, calmo e determinado, que representava o braço do destino. Como se considerava na juventude. Um salvador do mundo. Nobre missão que imaginava estar começando a cumprir promovendo a libertação de Angola.

Enquanto avançava em direção ao inimigo monstruoso lembrava de uma imagem da infância em Luanda:

um corpo negro deitado no asfalto a ser espancado por policiais brancos e negros. Não era um ladrão, soube depois, era um trabalhador que refilara com o patrão porque lhe tinha indevidamente descontado três dias de salário. O patrão chamou a polícia, começaram a bater, empurraram-no para a rua, ali continuaram a bater. Ele era muito pequeno, teria cinco anos, e viu o corpo sangrando, deitado no asfalto, e quatro homens a aporriharem-no brutalmente. Foi essa visão rápida que veio, como no momento de dar a ordem de ataque nos combates que percorrera na vida. (Pepetela, 2000:295-296).

Ecos das vivências que forjaram o espírito crítico de Aníbal, que o fizeram defender com fervor inabalável o projeto utópico da construção de uma nação livre e justa em Angola.

Matou o polvo sem grandes dificuldades e pode perceber que não se tratava de um monstro. Já durante a luta armada pela independência notava-se a fragilidade do império colonial português. A batalha foi longa e sacrificante porque se misturou aos conflitos da guerra fria, Portugal recebeu o apoio de outras potências coloniais a aproveitou-se dos conflitos internos que enfraqueciam os próprios movimentos de libertação. Era na verdade um polvinho, que parecia mirrar ainda mais ao sol. Sua morte, apenas mais uma fatalidade que se tinha cumprido.

Sem desconsiderar a importância da luta armada, no fim do processo, a descolonização de Angola ocorreu mais por efeito continuador da mudança política num Portugal pós 25 de Abril – Revolução dos Cravos que pôs fim à ditadura salazarista, do que por um aumento da pressão militar ou política sobre o colonizador por parte dos divididos e enfraquecidos movimentos de libertação. A independência não foi o início da paz, mas sim o de uma nova guerra. Muito antes do 11 de Novembro de 1975, data da declaração oficial da independência angolana, os três grupos nacionalistas que tinham combatido o colonialismo português já lutavam entre si pelo controle do país. Cada um deles era na altura apoiado por potências estrangeiras, dando ao conflito uma dimensão internacional. A União Soviética e Cuba apoiavam o MPLA. A África do Sul dava

suporte a UNITA, que depois contou durante anos com o apoio estadunidense. Os EUA apoiavam a FNLA, que contava também com o apoio do Zaire, da África do Sul e da China. Angola mergulhava numa guerra civil e se tornava um dos palcos da guerra fria (ver Pinto, 1999: 94-97).

Depois de “derrotar o monstro” Aníbal não se sentia orgulhoso. Afinal, a utopia só tinha se realizado em parte. Ao invés da tão sonhada sociedade justa e igualitária implantou-se uma ditadura que reproduzia privilégios e exclusões, incapaz de responder às necessidades do povo, apesar de pregar um discurso marxista-leninista e se auto-intitular uma República Popular. Nos anos 80, por conta da guerra civil travada sobretudo entre as forças armadas do MPLA e a UNITA – movimento que se apresentava como sendo anti-marxista e pró-ocidental, mas baseava-se também num discurso étnico e regionalista, focado principalmente na população Ovimbundu do sul e centro de Angola – e dos ataques externos, principalmente da África do Sul, as infra-estruturas do país foram brutalmente destruídas, aumentava o número de vítimas, entre mortos e refugiados.

Diante da nova realidade Aníbal sentia-se absolutamente fraco, vazio, esgotado. Valeu a pena? Parecia já não ter certeza. Embriagou-se na tentativa de encontrar a paz na estupidez. “Só os estúpidos são felizes, contentam-se com o pouco que conseguem” (p.298) .

Episódio que pontua a contradição do Sábio. Seria possível deixar de sê-lo, tornar-se estúpido? Deixar de se considerar responsável pelo futuro, depois de ter vivido para conhecer o que faltava à humanidade e propor caminhos para sanar essa falta. Depois de ter buscado conhecer a história para indagar no presente as possibilidades de um futuro de desenvolvimento desejado?.

Que lugar sobrava ao intelectual desiludido? O Retiro, o auto-exílio. O que não lhe permitia deixar de estranhar todas as coisas, questionar o cotidiano e se inconformar com ele. Embora não se considerasse mais capaz de transcendê-lo e se declarasse

cansado do papel de condutor das “massas” para a liberdade e a felicidade. Buscava apenas a própria paz. Entretanto, seu singular era demasiado dependente do plural.

Apesar do sentimento melancólico de impotência diante da sua posição à margem da sociedade, era na esfera política que o esforço e solidariedade de Aníbal continuavam intervindo. Quando, por exemplo, intercedeu junto às autoridades competentes pelos deslocados e por Mukindo, antigo guerrilheiro que reapareceu na história mutilado por uma mina e, mesmo depois de ter dedicado sua vida à revolução, não conseguia uma prótese.

Como intelectual, que não podia deixar de ser, continuava a vislumbrar o futuro angolano a partir do presente que vivia e sepultara a utopia porque o percebia nitidamente. Anotava suas apreensões: “quando a casca da utopia já não servir, vão despudoradamente criar o capitalismo mais bárbaro que já se viu sobre a Terra.” (Pinto, 1999: 277) Que mais podia ele fazer diante do cataclismo anunciado?.

“Através da escrita adquire-se capacidade de superar a desilusão.” (Pepetela. “Revolucionários atirados aos cães” [Entrevista a Nelson Saúte]. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro: 02/04/1995). Sábio escreve, registra reflexões que continuavam críticas à realidade. Apesar dos escritos estarem marcados pelo desencanto não podiam deixar de conter uma chama mobilizadora. Pois a operação de escrever implica a de ler, são correlativos dialéticos. Ler implica prever, esperar, projetar. (Sartre, 1993: 37) Ao observarmos os erros descritos, nós, os leitores, podemos traçar novos caminhos que os evitem, que não os repitam. Mudar os rumos da História torna-se então mais fácil. A literatura atua no sentido de fazer as pessoas pensarem por conta própria e partirem daí para buscar resolver situações com as quais não concordam.

Mas nem tudo poderia ser desengano neste capítulo. É o momento da história em que finalmente se concretiza o amor sabido desde o início da trama. Sara vai em busca de Aníbal numa atitude de entrega absoluta, exercício de superação da própria castração, de todos os obstáculos auto-impostos no passado. Mulher desfrutando sua revolução sexual.

Encontro tão adiado que abre espaço para uma discussão sobre a distância, que vai muito além da que separava os dois amantes. Exagero do autor na caracterização do personagem do intelectual para quem problematizar o cotidiano é algo intrínseco, quase como respirar. Aníbal emenda uma análise crítica da postura assumida pelos intelectuais, com sua formação moderna seguindo os padrões europeus, em relação aos modos de ver o mundo, de gerir a vida, das populações tradicionais angolanas. Relação de distanciamento preconceituoso e estéril:

Nós temos o conhecimento sagrado do marxismo-leninismo ou do ultra-liberalismo do FMI, estudamos nas melhores universidades, como vamos nos rebaixar, perder tempo, a tentar perceber o que nos ensinam? E se as coisas correm mal, como têm de correr, arranjamos desculpas em factores de fora, nunca vemos nossa própria cegueira.

(Pepetela, 2000: 262)

Entretanto, constatar a “sabedoria popular” não significava respeitá-la. Aníbal a percebe mas nada faz para divulgá-la, para “dar voz” ao povo, apesar dos belos discursos em nome dos marginalizados. Sempre os discursos “em nome dos fracos”, “em defesa dos oprimidos”, faltava deixar falar os fracos e oprimidos, para que todos ouvissem. Faltava ouvir o que tinham (e têm) a dizer. Criticava o erro dos intelectuais, mas não deixava cometê-lo.

Do alto do auto-exílio à beira da falésia revela-se a falência do Sábio. Queria ter sido “super”. Desconseguiu. Importava o povo? Claro, era o mais importante. Caso contrário, quem seria o público? Super-heróis sempre precisavam de vítimas para salvar. Não teve sucesso no papel de guia das “massas”, então, divorciou-se do restante da sociedade. Fez questão de ficar orgulhosamente só, ruminando frustrações, medos, impotência, incapacidade, num improdutivo afastamento do mundo.

O encontro entre os amantes também servirá para situar os demais protagonistas do romance. Sabe-se que Malongo virou um homem de negócios e que em breve estaria de volta a Angola. Para Aníbal tipos como ele seriam o futuro do país. Revela-se que

Vítor-Mundial tornou-se ministro do Estado, um político profissional. Oportunidade do intelectual que se pôs à margem da sociedade mas acreditava manter a força moral do compromisso com uma “verdade mais verdadeira” e uma “justiça mais justa”, que promovessem a felicidade geral da nação, fazer uma crítica mordaz ao intelectual que cedeu aos “prazeres” do poder. Sara, dona de romântica positividade, vê o amigo dos tempos da “Casa” como um dirigente capaz. Ela continuava uma militante dedicada ao então MPLA - Partido do Trabalho. Para Aníbal, que conviveu com Vítor durante a guerrilha e presenciou o início de sua transformação, o antigo amigo não passava de um grande canalha dono de um discurso oco, um corrupto desprezível.

Se complexificam as metamorfoses... Encontrariam estabilidade um dia? Por hora continuavam condenadas a constantes mutações.

**Intervalo***O espetáculo*

*Aqui do alto do cruzeiro  
Onde o vento faz a curva pra voltar com mais coragem  
Vejo o sol tocando a ponta do pára-raio da cruz  
Elimino a ofensa do atrito  
Atravanco o portão da ventania  
Faço a caixa do mar ficar vazia  
Boto um teto no vão do infinito*

*Para dar o pão pra os filhos  
Que chegam magros da guerra  
O mensageiro do sonho  
Nesse terreno que treme  
Da magra mão estendida  
Da paixão que grita e geme  
Das curvas do firmamento  
Da claridade da lua  
Solidão do mundo novo  
A batucada da rua  
O espetáculo não pode parar*

*(...)*

Cordel do Fogo Encantado

## Quarto Ato: nova utopia

*Levante-te Senhor  
 Não prevalecerá o homem cheio de condecorações  
 Porque os explorados não serão esquecidos a vida  
 inteira  
 A esperança dos pobres não falhará sempre  
 Oh Senhor  
     reverte contra eles seus sistemas de terror  
 Que saibam que são homens e não Deuses!*  
 (Cardenal, 1977: 21)

“Trinta anos.” (Pepetela, 2000: 307) Tempo demais para durar uma guerra. Em 1991 são assinados os *Acordos de Bicesse*, acordos de paz, entre o então Governo da República Popular de Angola, dirigido pelo MPLA, e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), na presença dos Governos dos Estados Unidos da América, de Portugal, da URSS e de representantes das Nações Unidas e da Organização de Unidade Africana (OUA). Os acordos preconizavam o cessar-fogo entre as partes, a formação de um Exército único e a realização de eleições presidenciais e legislativas. O clima é de otimismo.

Desde 1989, com o notável acirramento da crise que levaria o regime soviético ao desmoronamento em 1991, intensificam-se as tentativas de encerrar a guerra civil e acelerar o processo de democratização em Angola. Algumas reformas nesse sentido começam a ser implantadas mesmo antes das resoluções de Bicesse. O MPLA abandona o marxismo-leninismo e inicia um processo de abertura política e econômica. O cenário agora é Luanda, a capital do país. Malongo abre o último ato da trama. Tornou-se um grande homem de negócios. Começou como intermediário de firmas de exportação-importação européias de médio porte, ainda no tempo do exílio. Encontrava facilidades em fechar contratos porque mantinha boas relações com responsáveis importantes no governo angolano, como Vítor, um grande amigo desde a época da “Casa”. Em pouco tempo já articulava grandes negócios, aproveitando-se da corrupção dos responsáveis que o favoreciam em troca de uma participação nos lucros.

O “jeitinho” não é exclusividade brasileira. Assim, Malongo enriqueceu e pode se estabelecer muito bem em Luanda. Comprou uma bela casa, tinha vários empregados domésticos e um bom carro. Registrou uma firma de importação-exportação, montou o escritório no melhor endereço comercial da cidade e contratou uma secretária. Embora ela ainda não tivesse muito o que fazer, servia para comprovar o “*status*” do “grande empresário”. O país ainda precisava importar quase tudo. Mas o investidor sonhava com novos produtos angolanos competindo no mercado externo. Como as rosas de porcelana, seguindo o exemplo da Holanda com suas famosas tulipas.

Ao se preocupar com os negócios acabava por se envolver também em discussões políticas, esferas indissociáveis. Entretanto, conservava um olhar pragmático sobre o assunto. Na época da juventude,

todos queriam mudar o Mundo e só discutiam coisas abstratas: liberdade, igualdade, justiça social. Era uma chatice com palavras que ninguém entendia: mais-valia, exploração, luta aqui, revolução ali. Agora é melhor, trata-se sempre de como enganar o outro ou o Estado, para se enriquecer mais depressa. Isso ao menos é claro e positivo, é a única política que me pode interessar. (Pepetela, 2000: 321-322)

O tempo do “igualitarismo” acabou. É Malongo quem anuncia as grandes mudanças que aconteceriam em Angola atreladas ao movimento de busca por maior inserção no mercado internacional, graças à adoção da lógica capitalista neoliberal. No país disposto a se abrir aos investimentos privados, o Estado teria que se comprimir para reduzir despesas. O capital privado passaria a decidir a vida econômica pela lógica da competitividade.

Nos meandros políticos, novos ventos. Clima de mudança. Tenso para os que estavam no poder e começavam a ver suas posições ameaçadas. Mais leve para os que antes não podiam manifestar abertamente suas opiniões. Conflito de interesses expresso no

encontro entre as partes. No romance, confronto entre duas gerações. A geração da utopia, construtora da nação, e a imediatamente posterior, que a herdava.

Judite e Orlando eram os filhos da revolução, o “futuro do país”. A filha única de Sara e Malongo, uma bela mulher aos trinta anos, médica como a mãe com quem ainda morava, espírito independente, forma o novo par romântico da trama com o economista, competente funcionário do Banco Nacional. Tinham a mesma idade e compartilhavam também a percepção das dificuldades, políticas, econômicas e sociais vividas em Angola.

Mesmo com o país abrindo-se aos bancos privados, Orlando não pretendia abandonar o emprego público. Já não por “preconceitos socialistas”, mas por acreditar que o Estado continuaria a ter um importante papel de regulador. Discordava de Malongo. Em Angola não poderia se implantar um sistema de Estado mínimo, pois o modelo ultra-liberal não servia às sociedades africanas, assim como não servia ao resto do mundo. “Os nossos políticos, como sempre, estão atrasados. Querem imitar a linguagem de Reagan e Thatcher, agora que o Mundo já deu outra volta e eles nem as aperceberam.” (Pepetela, 2000: 313). O Estado podia ser racionalizado, mas nunca radicalmente enxugado num país subdesenvolvido, onde o governo não poderia deixar de se responsabilizar por algumas instâncias fundamentais ao bem-estar da sociedade.

Como um bom economista, tem uma análise prática da situação. Os empresários angolanos pensam nos rendimentos imediatos; “são empresários primitivos, estão na fase de acumulação primitiva do capital. (...) Num país sem burguesia nacional, ou o Estado assegura alguns serviços ou então é o vazio. Facilmente ocupado por estrangeiros.” (Pepetela, 2000: 314) Critica o discurso ultra-liberalista. Uma estratégia invasora por parte de quem o propagava. “Que afinal são os mesmos invasores da história moderna, hoje com o campo todo aberto.” (Pepetela, 2000: 314).

A geração castrada à nascença calculava o espólio e reivindicava a gestão da herança. Judite e Orlando criticavam o discurso dos imobilistas – “a política para mim é o trabalho, a família, o futebol, etc.” – reacionários, que queriam manter as coisas sempre

paradas, sem progresso, qualquer que seja, e acabavam servindo de coro ao regime vigente, pois o alheamento favorecia a ordem estabelecida.

Orlando reunia um grupo de pessoas com idéias comuns para pensar em conjunto, poderiam atuar ou não em relação à política, mas já a discutiam. Não descartava a possibilidade de formar um partido. Perspectiva reforçadora das preocupações de Vítor. Ministro do Estado sujeito às muitas denúncias de corrupção que ganhavam força com a abertura democrática. Sentia-se ameaçado pela juventude contestadora e nada podia fazer contra os novos “subversivos”. Agora cada um podia falar o que bem entendesse. Começavam os tempos de democracia. E os jovens questionavam ironicamente a atuação dos representantes políticos. Se as denúncias de corrupção não podiam passar de boatos, era porque não se podia prová-las. Não porque as provas não existissem, mas porque estavam nas mãos dos próprios acusados, os que ainda detinham o poder. Mudando o poder elas apareceriam. “Onde há fumaça, há fogo.”

Vítor, sobre quem circulavam vários boatos a respeito de possíveis contas no exterior, participações em contratos ruinosos para o país, etc., “não punha a mão no fogo” por ninguém além dele mesmo. Declarava que nunca houvera grande solidariedade no governo em regime de partido único que acabou funcionando por coligações, cada um “puxando a sardinha para o seu lado”, num oportunismo do mais puro. Quase um *mea culpa* do dirigente que saiu da mata disposto a fazer política para galgar o poder. Caricatura escrachada do político corrupto, sem nenhum escrúpulo, interessado apenas em obter vantagens pessoais. Os fins justificavam os meios e além disso, “o povo esquece as coisas, interessa-se logo por outras.” (Pepetela, 2000: 322) Mas Judite e Orlando não pareciam nada dispostos ao esquecimento.

### **A “Igreja da Esperança e da Alegria de Dominus”:**

É uma Igreja de Deus. Dominus quer dizer o Senhor em latim. E é da Esperança, porque é a única igreja que tem sempre uma palavra de estímulo, de encorajamento, para as pessoas. As outra

igrejas são repressivas, ameaçam, todas influenciadas pelo Jeová de Israel que é um deus cruel. (...) Dominus é o Deus da bondade, que tudo perdoa, que nunca ameaça, pra quem a vida é sempre esperança e doçura. E da Alegria, porque Dominus quer que toda a gente se divirta. (Pepetela, 2000: 330).

O bispo da “Igreja da Esperança e da Alegria de Dominus” era Elias. O antigo estudante protestante, do tipo intelectual muito sisudo e chato, volta à trama radicalmente transformado. Antes reivindicava a ação violenta para promover a independência, agora, proclamava a virtude do amor e da alegria, desculpabilizava o prazer e aliava Deus à festa numa nova religião africana e moderna, que cortava os vínculos com as clássicas doutrinas religiosas da civilização judaico-cristã ocidental.

Ele também tinha saído de Portugal, como Sara, Malongo e Vítor, na *fuga dos cem* em 1961. Esteve na UPA, depois FNLA. Arranjou bolsa de estudos e foi para os EUA onde cursou Filosofia e, em seguida, Psicologia. Aderiu à Unita, desentendeu-se. Afastou-se da atividade política, saiu do país. Em 1975 tentou voltar mas a continuidade das guerras o desencorajou. Ficou na Nigéria como Professor. Quando soube que as coisas estavam mudando em Angola voltou pra transmitir “a boa nova”: o ser humano é bom, como *Dominus*, deus único, mas pagão, força sensual da natureza.

As grandes diretrizes da nova igreja eram imutáveis porque reveladas por *Dominus*: viver com prazer, alegria e esperança. As demais doutrinas eram decididas por inspiração social e cultural, baseadas no senso comum, nas reações dos cidadãos médios, portanto, sempre passíveis a correções e aperfeiçoamentos. Assim, a “Igreja da Esperança e da Alegria de Dominus” contemplava os principais anseios dos seres humanos.

A psicologia explicava a necessidade do culto e das estratégias empregadas para “criar o elo entre os fiéis e a divindade”. O sacerdote, isto é, o próprio Elias, tinha papel fundamental. Quanto melhor ator, mais emoção conseguiria criar. A música devia ser

bem forte com ritmos constantes, escolhidos de acordo com a cultura original da pessoas, em Angola o batuque. A litania em cadências ancestrais provocaria um efeito próximo à hipnose. Os cânticos e gestos repetitivos levariam os fiéis ao êxtase. Para completar o espetáculo, um palco, uma potente aparelhagem sonora e efeitos luminosos. Um show da fé.

Elias buscava sócios com dinheiro e poder, como Malongo e Vítor, com quem reencontra num cabaré de Luanda, que lhe possibilitassem divulgar suas idéias. Conquistando o amor de homens e mulheres a *Igreja de Dominus* também podia ganhar parte do seu dinheiro. Com a nova fé as pessoas se sentiriam alegres e fortes, otimistas, então, contribuiriam voluntariamente para a igreja e disso ela viveria. O bispo e os sócios que o apoiassem também.

Imagina o mercado de almas à nossa disposição. Com as crises econômicas, com a perda da utopia da libertação política, com o fim do inimigo que estava do outro lado da guerra fria, com a dívida externa que tira qualquer hipótese de desenvolvimento aos nossos países, os jovens desempregados e sem instrução, a delinqüência e a insegurança galopantes, tudo isso leva as pessoas a verem a religião como única salvação (Pepetela, 2000: 342).

Malongo, que a princípio desacreditava na nova doutrina religiosa e gozava da proposta, reconhece em Elias um grande talento pra ganhar dinheiro e passa a considerar a *Igreja de Dominus* como um negócio potencialmente lucrativo. Vítor não se convence facilmente. Apoiar o novo empreendimento religioso em tempos de crise podia dar mais motivos para o acusarem de corrupção. Ele devia buscar o apoio de uma boa igreja tradicional e prestigiada, agora que o ateísmo comunista não era mais uma bandeira em voga.

O bispo utiliza os argumentos mais persuasivos para convencê-lo: uma igreja ganha prestígio e poder pelo apoio que recebe, em breve a *Igreja de Dominus* teria ainda mais força do que as outras, pois era moderna e respondia melhor aos anseios dos angolanos.

Precisava apenas do apoio discreto de um político que ajudasse a legalizá-la, nada muito comprometedor. E Vítor seria o único comunista a ter o apoio divino.

“– Nunca fui comunista.” – alegava Vítor. Entretanto, o governo de que fazia parte se declarou comunista durante anos, mesmo que não adequasse a prática ao discurso. Mais um motivo para possíveis acusações e críticas no futuro democrático que se iniciava. O poder que durante anos Vítor controlou se esvaía. Seu mundo desmanchava-se. Já não podia ter certeza da permanência na cena política. Precisava pensar em outras formas de ganhar a vida. Uma nova fonte de renda e o apoio de uma igreja dinâmica e mobilizadora não eram de se dispensar.

Malongo também o encorajou a fechar o negócio. Uma igreja que tinha como doutrina o senso comum, só poderia se tornar popular. Ainda mais numa sociedade castigada por décadas de guerra – situação limite em que os valores morais se descaracterizam – quem não se embalaria por um discurso que cantava a construção coletiva do futuro de paz, amor e alegria? Na religião as pessoas buscariam conforto e solução para todos os problemas cotidianos, diante dos quais se sentiam impotentes: saúde, afetividade, paz, etc. Esferas fundamentais na vida do ser humano, mas sobre as quais os indivíduos isolados são impotentes.

Estava feita a sociedade. Meio a meio. Vítor fez o necessário para legalizar a igreja. Malongo investiu capital e seria o tesoureiro. Elias cuidava da parte religiosa. Sociedade secreta. Os dois primeiros não apareceriam e levariam cinquenta por cento, vinte e cinco para cada. O bispo ficava à frente do negócio e como idealizador receberia a outra metade dos lucros. Acordo selado sem testemunhas ou papéis, sem provas.

A partir de 1991 adotou-se em Angola a Lei de Associações (14/91), permitindo o registro e atividade de organizações não-governamentais seculares e eclesiásticas, independentemente do MPLA. Com a ajuda de Vítor a *Igreja de Dominus* recebeu autorização para erigir seu templo e ganhou a propriedade de um amplo terreno ao redor, antes destinado à construção de casas populares. O trabalho voluntário dos fiéis

para erguer a igreja, iniciado antes mesmo da legalização, ganha fôlego. Até sua conclusão os cultos seriam feitos em espaços alugados.

Para o primeiro grande culto da “Igreja da Esperança e da Alegria do Dominus”, Vítor conseguiu o empréstimo de uma sala de cinema e Malongo investiu no aluguel da aparelhagem de som e na publicidade. Anúncio de meia página no jornal, panfletos distribuídos por toda cidade, comentários em programas de rádio de sucesso, criaram um clima de curiosidade generalizada. O público respondeu lotando a primeira sessão do culto. Vítor, Malongo estavam presentes para conferir os resultados da parceria. Judite os acompanhava, convidada pelo pai para avaliar, como médica, os efeitos das curas pela imposição das mãos que Elias fazia questão de realizar.

Música antilhana e africana em altos tons atraíam as pessoas para o culto. Um minuto de Bach, seguido de um minuto de silêncio anunciaram o início da sessão. Flores, Elias entra no palco repleto delas. Trajando uma blusa alegremente estampada com motivos da cultura nacional, braços abertos. O som do batoque vai aumentando enquanto o bispo dança e fala conforme o ritmo da música. Mensagem acolhedora, positiva, alegre e enfática, uma ladainha repetitiva. Em pouco tempo a platéia faz coro. Mulheres e homens em transe sobem ao palco de onde saem com pacíficos sorrisos, depois de serem “curados” por *Dominus*.

A situação de guerra prolongada obrigou a sociedade angolana a pautar seu cotidiano por um clima de medo, sobressalto e violência. Os efeitos da guerra a transformaram numa incidência crônica inscrita no próprio tecido de invenção social. Diante da completa fragilidade das pessoas, a mensagem do “deus da esperança e da alegria” parece irresistivelmente contagiante. O culto, uma grande festa. A platéia cantava a ladainha, batia palmas e dançava e doava dinheiro, jóias, até mesmo as camisas para a nova igreja. Uma felicidade geral, todos se tocando, sorrindo e se beijando e dançando, partindo dali cheios de esperança, necessidade vital aos seres humanos, para ganhar o mundo.

As únicas pessoas que mantinham sangue frio eram Vítor, sempre encolhido no seu canto [com medo de ser descoberto], e Judite, estranhamente atirada para os seus quinze anos em que assistira às multidões cantando as palavras-de-ordem da independência com igual fervor. (Pepetela, 2000:375).

Houve um tempo em que a fé contagiante entre os angolanos foi o patriotismo. No primeiro ano pós-independência vivia-se uma positiva euforia, substituída rapidamente por um sentimento de mal-estar. A relação que se estabeleceu entre o poder e as populações depois da independência, ao invés de promover o amadurecimento dos “novos homens e mulheres” angolanos, perpetuou a frustração, a falta de autoconfiança, a mentalidade de assistidos, os sentimentos de inferioridade. Populismo e burocracia embargaram a imaginação criativa do povo na construção do próprio país. Isso era tarefa para especialistas. Caberia a um pequeno grupo de “iluminados” guiar Angola pelo bom caminho. O resultado não foi dos melhores.

### **Retrato do país em 1991:**

Para Malongo os populismos e igualitarismos só tinham estragado o país. As autoridades caíram em total descrédito. Pessoas buscavam a sobrevivência no lixo, sobretudo crianças. O povo fazia justiça com as próprias mãos, porque não confiava na ação do Estado. Violência generalizada alimentada pela pobreza, fome, doença, opressão, ignorância, pelo subdesenvolvimento. Economia de miséria, prostituição, biscates e negócios ilegais. Infra-estrutura nacional completamente fragilizada. Mendicância dos governantes junto ao Banco Mundial e às instituições de ajuda. Ruas permanentemente mergulhadas em clima de guerra. Crianças a fugir da escola para engraxar sapatos, tentando ganhar a vida sem roubar. Um povo digno e rico a viver da esmola de ações humanitárias. A *geração da utopia* que pretendeu fazer as coisas de maneira diferente dos outros africanos, fazer de Angola um país na África, criou apenas mais um país africano.

País de salteadores de estrada. Os antigos “senhores da guerra” exigiam pagamento de pedágio aos que cruzavam os caminhos esburacados pelas minas. Aos olhos de Aníbal, uma ação confirmadora do poder das armas e ao mesmo tempo antecipada compensação pela perda do poder. Afinal, “um tipo estar vivo e sentir que já passou a peça de museu é sempre uma sensação incômoda.” (Pepetela, 2000:360).

Para Orlando chegara o tempo de fazer a História do país, de pensar em *como chegamos onde estamos*. Questionar como a geração da utopia, que fez uma luta gloriosa (ou inglória?) pela independência, também a destruiu. A geração que, apesar de tudo, deu fim ao jugo colonial lutando em nome do povo, logo a seguir lhe tirou o direito de viver a liberdade em plenitude. Sufocaram o misto de fervor patriótico e imaginação criativa com a implementação de uma moral militarista repressora. E a geração seguinte, dos herdeiros do novo país, foi perdendo o entusiasmo diante da política desenhada como algo proibido e perigoso que só se devia cumprir e não pensar, muito menos contestar.

Sara continuava romântica a creditar os fracassos do projeto utópico às pressões externas impeditivas de sua plena realização. Aníbal argumentava que, apesar dos fatores externos interferindo como complicadores dos problemas angolanos, sobretudo o confronto ideológico da guerra fria, a grande falha da realização do projeto nacional era reflexo da incapacidade de união dos seus próprios idealizadores. Declarava o *mea culpa* dos intelectuais. “Não digo que o erro esteja só do nosso lado. Mas nós éramos os mais conscientes, os mais abertos ao progresso, por isso com mais responsabilidade de dar o passo decisivo para chamar os outros às nossas posições.” (Pepetela, 2000:362).

Angola teve uma elite intelectual como poucos países africanos. Elite urbana, transitando tanto pela cultura europeia como pela africana, entrecruzando-as com sucesso na arte e na literatura. No entanto, nunca soube se aliar às elites rurais tradicionais, pois se considerava superior ao resto do país. Mentalidade de exclusão e intolerância. Desconexão manifestada na guerra civil. Os intelectuais tiveram belas idéias, mas nunca foram capazes de as defender e viver rigorosamente. Reclamavam a defesa de todos os angolanos, mas consideravam as populações do interior

“incivilizadas”. Exigiram autonomia, mas se beneficiaram da dependência, antes e depois da libertação política do país. Não superaram as próprias contradições. Deram margem ao anti-intelectualismo que deslegitimou sua liderança. Segue Aníbal (e Pepetela) lamentando-se pelo que deveria ter sido feito, num balanço interior da geração da utopia.

Com efeito, muitas das fissuras ainda existentes entre os angolanos são derivadas de preconceitos gerados pelo profundo desconhecimento mútuo. Os intelectuais, até pelo instrumental teórico-científico que devem, por definição, possuir, aliado à vocação humanística de que [...] não devem jamais abdicar, têm [...] a responsabilidade histórico-social de contribuir para um melhor conhecimento entre todos os angolanos, ajudando a estabelecer pontes entre os diferentes grupos. (Melo, 2003: 07).

Os *intelectocratas* pareciam guardar um pavor de todo conhecimento além dos auferidos pelos diplomas e qualificações que lhes abriram caminho para ocupar os lugares de destaque. Desvalorizando o desconhecido reproduziam de forma trágico-absurda o etnocentrismo ocidental aprendido nas Academias. Instâncias superiores que lhes tornaram “angolanos melhores que os outros”? E mesmo Aníbal, o Sábio, tão crítico aos “estabelecidos” no poder, também adota essa postura aristocrática.

Antes, não eram eles angolanos como os outros, nascidos naquele território do continente africano, delimitado por uma fronteira e chamado Angola? “Angolano” é o que diz o passaporte (10), documento dos tempos de mundialização. Para o etnocentrismo ocidental equivalem todos, sem distinção, aos *Outros*. Categoria homogeneizadora dos marginalizados, sejam africanos, latinos ou asiáticos. Designados por termos generalizantes, pois as diferenças que pontuam suas múltiplas identidades foram historicamente menosprezadas.

Uma intelectualidade em crise identitária e em dificuldade face à crise de identidade nacional. O fracasso da importação de modelos foi um dos motivos da falência do projeto da geração da utopia para a formação de uma identidade angolana. Tentaram

implementar a *modernização* adotando valores externos às sociedades africanas, o resultado foi desastroso. A nova utopia, o novo desafio, é criar modelos próprios de desenvolvimento, construir a *modernidade alternativa* em Angola, o que poderia, talvez, contribuir para exprimir a diferença, a identidade angolana (Carvalho, 1997:21).

*A geração da utopia* foi publicado em 1992, às vésperas da primeira eleição pluripartidária democrática em Angola. Início de um novo ciclo de esperança. No romance, leitura do passado aos olhos do presente para projetar o futuro, Pepetela registra o momento de ceder o papel principal à nova geração. Apostando na criatividade transformadora, durante tanto tempo rejeitada, para repintar o retrato do país incorporando múltiplas técnicas e cores de modo que todos os angolanos e angolanas possam com ele, realmente, se identificar .

### **Epílogo: fecho para abrir**

Fins do século XX, início do século XXI, momento de alteração das percepções do tempo-espaço, cada vez mais relativizáveis graças à influência da mídia e das novas tecnologias, ao acirramento da mundialização. Diante de um processo de diluição das referências, uma discussão sobre a construção da identidade nacional mantém seu valor? Bem, os passaportes continuam em circulação nos apresentando como brasileiros ou angolanos ou chineses, etc. Por enquanto, ainda não adotamos a discriminação padrão geral “seres humanos”, apesar das viagens espaciais serem cada vez mais freqüentes. A questão da identidade nacional continua tão presente quanto a História que, há um tempo atrás, alguns disseram desenganada. Contrariando a profecia, ela não encontrou fim. *A geração da utopia* também não tem ponto final, literalmente. Convite à ir além. À reconhecer as metamorfoses que vivemos e produzimos (e produzimos porque vivemos), num movimento constante ao longo do tempo, para transformar fim em novo começo. Experimentar diferentes desafios, ou os mesmos com novas roupagens, que serão suplantados por outros, supernovos, ou continuarão sendo os anteriores vestindo a mais última moda, sucessivamente, no ciclo eterno da História. Ainda não alcançamos a velocidade da luz...

## Notas

(1) Pepetela é Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos. Nasceu em 1941 na cidade de Benguela. Fez os estudos primários e secundários na própria cidade natal e em Lubango. Em 1958 foi fazer o curso superior em Lisboa onde se associou à Casa dos Estudantes do Império – CEI – e se engajou na intensa atividade intelectual e política ali desenvolvida. Quatro anos mais tarde, por problemas políticos, deixou Portugal seguindo para Paris. Pouco depois se estabeleceu na Argélia, onde completou a licenciatura em Sociologia e trabalhou na representação do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e no Centro de Estudos Angolanos, que ajudou a criar. Em 1969 passou a atuar diretamente na luta armada pela independência, como guerrilheiro e como responsável pelo sector da educação. Foi professor durante a guerrilha. Adotou o nome de guerra de Pepetela, que significa pestana em umbundo, uma das principais línguas nacionais angolanas, e que mais tarde veio a utilizar como pseudônimo literário. Com a independência de Angola, a 11 de novembro de 1975, foi nomeado Vice-Ministro da Educação, cargo que exerceu até 1980. Depois disso, afastou-se da atividade política oficial e desde então leciona Sociologia na Universidade de Luanda. Reunindo já treze títulos é um dos escritores mais conhecidos e premiados de Angola.

(2) Instrumento básico de negociação da realidade com outros atores sociais, indivíduos ou coletivos, meio de comunicação, maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações para o mundo. (Velho, 1999a: 103)

(3) Frantz Fanon (1920-1961), médico martinicano que atuou na Guerra da Argélia como psiquiatra do exército francês; autor de “Os Condenados da Terra” livro onde aponta o caminho para o então “Terceiro Mundo” se libertar do colonialismo: a disseminação do socialismo revolucionário baseado na mobilização das massas rurais, verdadeiro reservatório do exército nacional e revolucionário; ou a derrota, onde a burguesia colonizada toma o poder e o novo Estado, apesar de gozar de uma soberania formal, continua nas mãos dos imperialistas. Para ele essa mobilização dos camponeses se faria pela adoção da violência; assim os colonizados tomariam consciência da possibilidade de exercer a violência contra o colonizador e conquistar a liberdade.

(4) Jargão muito utilizado pelas vanguardas de esquerda dos anos 1960-1970 para designar, pejorativamente, o ponto de vista do que seria uma classe média alienada em relação aos desprivilegiados do mundo. Vide “Panis et Circences” de Caetano Veloso e Gilberto Gil: “(...) *Mas as pessoas na sala de jantar / São ocupadas em nascer e morrer*”

(5) Dimensão sócio-cultural, espaço para formulação e implementação de projetos (Velho, 1999b: 31-48).

(6) Jargões adotados pelos militantes do MPLA durante a guerrilha.

(7) Glossário:

Kangala – língua do Sudeste; no romance passou a referir os indivíduos desse grupo etnolingüístico

Kamundongo – habitante do reino do Ndongo; passou a referir os do Norte

Lutxaze / Mbunda – línguas do Leste; no romance passaram a referir os indivíduos desses respectivos grupos etnolingüísticos.

Muata – chefe tradicional do Leste; no romance passou a referir os responsáveis na guerrilha.

(8) Bem próximo da definição de intelectuais de Julien Benda: um grupo minúsculo de reis-filósofos superdotados e com grande sentido moral, que constituem a consciência da humanidade conforme interpretação de Said (2005: 20-21).

(9) Intelectocracia / intelectocratas: intelectuais que pretendem reformar a sociedade pela via do Estado e suas instituições. (Aarão, 2000: 11)

(10) Em palestra na Faculdade de Letras da Universidade Federal Fluminense, respondendo à pergunta “O que é ser angolano?”, José Eduardo Agualusa, escritor angolano, afirma: “A questão da identidade vai sendo suavizada em Angola à medida que o país se firma na sua independência. Agora há um passaporte que diz: angolano”. Niterói: 05/04/2005.

### **Referências Bibliográficas:**

ACORDOS DE BICESSE. *Pontos essenciais*. Bicesse, Portugal, 31/05/1991.

Disponível em: <[http://www.c-r.org/accord/ang/accord15\\_port/c08.shtml](http://www.c-r.org/accord/ang/accord15_port/c08.shtml)> [Consulta em: 25/5/05].

ANDERSON, Benedict (1989) *Nação e consciência nacional*. São Paulo: Ática.

ANDRADE, Carlos Drummond (2002) “Legado” In: *100 poemas*. Belo Horizonte: UFMG., p.220.

BARRETO, Antonio Hildebrando (2000) “Pequetela” In: SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Tereza (orgs.). *África e Brasil: letras em Laços*. Rio de Janeiro: Atlântica,. p. 303-319.

BASTOS, E. R. e RÊGO, W. D. L. (orgs.) (1999) *Intelectuais e Política: A moralidade do compromisso*. São Paulo: Olho d’Água.

BITTENCOURT, Marcelo (1999) *Dos Jornais Às Armas, Trajectórias da Contestação Angolana*. Ed.Vega: Portugal.

BITTENCOURT, Marcelo (2002) *Estamos Juntos – O MPLA e a Luta Anticolonial (1961-1974)*, vols. 1 e 2. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BOBBIO, Norberto (1997) *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. São Paulo: Ed Unesp.

CANDIDO, Antonio (1976) *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional.

CARVALHO, Ruy Duarte de (1988) *Hábito da Terra*. Luanda: UEA.

CARVALHO, Ruy Duarte de (1989) *Ondula, Savana Branca*. Luanda: UEA.

CARVALHO, Ruy Duarte de (1995) *Sobre poesia e história*. in: *I Encontro de Professores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa. Anais*. Niterói: EdUFF.

CARVALHO, Ruy Duarte de (1997) O direito à existência. *Ngola:Revista de Estudos Sociais*, Luanda: Associação de Antropólogos e Sociólogos de Angola, vol.I:1.

CARVALHO, Ruy Duarte de (2003) *Actas da Maianga (dizer das guerras em Angola)*. Lisboa: Cotovia.

CHAVES, Rita (2003) “O romance em Angola: a identidade entre a história e a poesia”. In: LEÃO, Ângela Vaz (org.). *Contatos e Ressonâncias: Literaturas africanas de língua portuguesa*. Belo Horizonte: Editora PUC-Minas, p. 373-405.

DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA DO COMITÊ CENTRAL DO MPLA-PARTIDO DO TRABALHO (1985). *Angola: Trabalho e Luta*. Angola: Edições DIP.

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA EM PORTUGAL. *Angola-Portugal: Relações Bilaterais*. Disponível em: <<http://www.embaixadadeangola.org/relacoes.htm>>. [Consulta em: 25/05/2005].

FANON, Frantz ( [1961] 1979) *Os Condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

HALL, Stuart ( [1992] 2003) *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A. Original: *The question of cultural identity*” Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

HOBBSAWM, Eric ( [1994] 1995) *A Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991)*. Cia. das Letras: São Paulo. Original: *Age of extremes: the short twentieth century: 1914/1991*. tradução: Marcos Santarrita.

HUAMBO, José Maria (2004) *Estamos Unidos e Reconciliados?*. In: *Folha 8*, Luanda, 07/02/2004. Disponível em: <<http://www.angola-saiago.net/fl8.html>>. [Consulta em: 24/02/ 2005].

LABAN, M. (1990) *Encontro com Pepetela*. In: *Angola: Encontro com escritores*. vol. 2. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, p. 771-819.

LOPES, Carlos (1997) Afro-Pessimismo versus Afro-Optimismo. In: *Compasso de espera: O fundamental e o assessorio na crise africana*. Porto: Edições Afrontamento, p. 57-79.

MALIA, M (1971) Qué es la intelligentsia rusa?. In: MARSAL, J.F. (org.). *Los Intelectuales Políticos*. Buenos Aires: Nueva Visión. p. 24-45.

MATA, Inocência (2001) *Literatura Angolana: silêncios e falas de uma voz inquieta*. Lisboa, Mar Além.

MELO, João (2003) *O papel dos intelectuais no pós-guerra*. Disponível em: <<http://www.uea-angola.org/artigo.cfm?ID=140acessoem13/3/05>>. [Consulta em: 13/03/2005].

MIRANDA, Maria Geralda de (1995) *Yaka, ou um texto tecendo a nação*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal Fluminense.

NETO, Agostinho (1989) *Sagrada Esperança*. Luanda: UEA/ENDIAMA.

NORA, P (1993) Entre memória e história: a problemática dos lugares In: *Projeto História: Revista do Programa de Estudos e Pós-graduação em História e do Departamento de História*. São Paulo: PUC- SP. p.7-28.

PEPETELA ( [1992] 2000) *A geração da utopia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

PINTO, António Costa (1999) A Guerra Colonial e o fim do Império Português. In: BETHENCOURT, F. e CHAUDHRURI, K. *História da Expansão Portuguesa: Último Império e Recentramento (1930-1998)*, vol.5. Navarra: Círculo de Leitores,. p. 65-101.

POLLACK, M. (1989) “Memória, Esquecimento e Silêncio”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: APDOC, v.2, n. 3, p. 3-15.

POLLACK, M. (1992) Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: APDOC, vol. 5, n. 10, p. 200-212.

REIS FILHO, Daniel Aarão (1997) Intelectuais e política nas fronteiras entre reforma e revolução. In: *Intelectuais, história e política: séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: 7 Letras.

REPÚBLICA DE ANGOLA. Assembléia Constitucional. Comissão Constitucional. Leis. Disponível em: <[http://www.comissao-constitucional.gv.ao/paginas/leis\\_1.htm](http://www.comissao-constitucional.gv.ao/paginas/leis_1.htm)> [Consulta em: 17/02/2005]

ROCHA, Edmundo(1997) “A Casa dos Estudantes do Império nos anos de fogo: depoimento sobre a acção política da juventude africana da CEI no quadro da luta pela libertação nacional das colónias portuguesas”. In: *Mensagem: Cinquentenário da fundação da Casa dos Estudantes do Império 1944-1994*. Lisboa: Associação Casa dos Estudantes do Império, p.103-114.

SAID, E.W. (2005) *Representações do Intelectual*. São Paulo: Companhia das Letras. Original: *Representations of the intellectual: The 1993 Reith Lectures*. Tradução: Milton Hatoum.

SANTOS, Daniel dos(1997) “Sociedade política e social angolana (1975-1985)” In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, n. 32, dez.

SARTRE, Jean Paul ( [1948] 1993). *Que é a Literatura?* São Paulo: Ática.

SERRANO, Carlos (1999) O romance como documento social: o caso de Mayombe. *Via Atlântica*, São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, n.3.

TALI, Jean-Michel Mabeko (2001) “A questão da intelectualidade no MPLA” In: *Dissidências e Poder de Estado: o MPLA perante si próprio (1962-1977) – Ensaio de História Política – vol. I: 1962-1974*. Luanda: Editorial Nzila, p. 247-288.

UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS. *Quem é quem. Base de dados sobre os escritores, seus mundos e paisagens. Pepetela*. Disponível em: <<http://www.uea-angola.org/bioquem.cfm?ID=79>> [Consulta em 24/02/2005].

VELHO, Gilberto (1999a) “Memória, Identidade e Projeto” In: *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p.97-105.

VELHO, Gilberto (1999b) Trajetória individual e campo de possibilidades. In: *Projeto e Metamorfose: Antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 31-48.

VENÂNCIO, José Carlos (1992) *Literatura versus Sociedade: uma visão antropológica do destino angolano*. Lisboa: Vega.